# RETIFICANDO UM PROBLEMA BIBLIOGRÁFICO

**HENRIQUE GONZALEZ**

O livro **Cultura e Opulência do Brasil por Suas Drogas** é uma obra indiretamente ligada ao Ceará, não pelo seu conteúdo mas por várias razões históricas, entre elas as **Cartas Ânuas de Andreoni**, que falam com minúcias sôbre o passado da Terra de Iracema.

Sua autoria, suas edições, tudo tem sido tratado com carinho especial por muitos estudiosos, desde o bibliófilo J. C. Rodrigues, no Brasil, até Capistrano de Abreu e Taunay.

Apesar dessa minuciosidade, dessa investigação no domínio publicitário, ainda ficaram pequenas brechas, por onde penetra estranha claridade, que não ilumina, mas confunde, desenha no espaço uma interrogação. E' isso que nos obriga a retomar o assunto, surgido de surprêsa, ocasionalmente, quando folheávamos de nôvo **Datas e Fatos**, livro tão conhecido de todos nós.

Chamou-nos atenção uma cousa muito importante, preciosa, que escapou, tanto a Capistrano, cuja pesquisa teve um sentido unilateral, como a Taunay, que foi o bibliógrafo. E' que êsses inolvidáveis mestres não se detiveram num fato: existe referência a duas edições da **Cultura e Opulência** em Portugal. Uma, em latim, **in 4.°**, e outra em vernáculo, **in 8.°**, ambas de 1711, e da mesma editôra, Tipografia Deslandes.

Se isso aconteceu era necessário verificar se as publicações que houve como os fragmentos de frei Veloso, sòmente a parte sôbre o açúcar, publicada em 1800, baseou-se na edição latina ou na outra. Se a edição de Jules Villeneuve, do **Jornal do Comércio**, ou a de Macau, de 1898, ou a publicada por Xavier da Veiga, na **Revista do Arquivo Mineiro**, têm suas fontes numa ou outra, a solução nos apontaria um caminho seguro. Orientava-nos o problema de saber qual a edição que circulou clandestinamente, depois do livro apreendido.

Capistrano e Taunay foram procurar bibliófilos, manuais, o primeiro passo para delimitar o caminho. Viraram as bibliotecas, indagaram, pediram auxílio aos frades, e a custo obtiveram o Somer-

vogel a maior e mais completa autoridade sôbre publicações inacianas:

**Dictionnaire des ouvrages anonymes et pseudonymes publié par des religieux de la Compagnie de Jésus, depuis sa fondation et jusqu'à nos jours.**

Nas páginas eruditas foram deparar-se com a obra em latim:

"Uberta et opulentia Brasiliensis per assiduam, etc.

Publicada em latim porém supresso o nome do autor.

Lisboa". Deslandes 1711. **In** 4.º. (Este texto também em latim).

O fato mais curioso de tudo é que nem Studart mais se lembrava, pois citara a Capistrano, para provar que conhecia Antonil, as **Cartas Anuas,** que publicara em 1902, quando, em 1896, êle já se referia a esta obra em latim:

"O padre Estanislau de Campos em suas missões na Bahia foi companheiro de João Antônio Andreoni da curiosa obra: **Uberta et Opulentia Brasiliensis** etc. Lisboa 1711, que foi suprimida por uma ordem do govêrno português".

Retificamos, pois, para uma data anterior, 1896, o conhecimento que o Barão possuia sôbre Antonil.

Mas, continuando nossas afirmativas, para boa clareza, resumimos as edições da **Cultura e Opulência,** afirmando que confiscada do Rei foi a latina:

1) uma edição in 4.º de 171, Deslandes, Lisboa em latim.
2) uma edição in 8.º de 1711, na Oficina Real Deslandiana, edição portuguêsa, com as licenças e uma xilogravura com dizeres latinos.
3) uma edição no Brasil de 1873, por Jules Villeneuve, prop. do **Jornal do Comércio.** Rio de Janeiro; in 8.º.
4) Uma edição na cidade chinesa de Macau, de 1898, **in** 8.º.
5) uma publicação na **Revista do Arquivo Público Mineiro,** por Xavier da Veiga em 1899, calcada na brasileira de 1837.

Frei Mariano Veloso, aparentando com Tiradentes, publicou em Portugal em 1800, um extrato do livro de Antonil. A parte sôbre o açúcar, sòmente. É um pequeno opúsculo que faz completa uma coleção de 11 volumes intitulada "O Fazendeiro do Brasil".

Não há referência dos conhecidos bibliófilos, como Diogo Barbosa Machado, autor da alentada "Biblioteca Lusitana". Varnhagen procura explicar: porque a obra era de um anônimo toscano. Nessa crônica o conhecido historiador fêz uma longa crítica sôbre **Cultura e Opulência,** publicada na revista **Panorama** onde Herculano colaborava:

"Tendo chegado últimamente à venda nesta cidade (Lisboa) alguns exemplares da edição desta obra"... etc.

Mais adiante acrescenta:

"O certo é que o livro ficou raríssimo, e, por nossa parte, a primeira edição, só de vista testemunhamos a existência de um único exemplar, achado nos depósitos de livros de S. Francisco; foi, jul-

gamos nós, levado para a biblioteca privada de uma das secretárias."

Como acabamos de verificar, o próprio Varnhagen nos afirma que houve duas edições. De nossa parte, se alguém argumentar que a latina é apenas citação, por ser a língua que os padres usavam para escrever, responderemos que as referências de Somervogel são tôdas em francês, apenas aquela é em latim. Ademais as características do livro diferem. Um tem um tamanho, outro o tem diferente. Pinheiro Chagas, no **Dicionário Popular**, afirma que Diogo Barbosa Machado, abade de Sever, não teve conhecimento do livro, por isso nada publicou. Inocêncio duvida que o autor fôsse português. Admite que seja italiano. Cita a edição de 1711, e confirma a brasileira de 1837. Sacramento Blake nada adianta. Só em 1886 Capistrano de Abreu descobre o critônimo Antonil e publica, num opúsculo, edição da Imprensa Nacional, nas "Informações e Fragmentos Históricos", do padre Anchieta S.J.

Em 1917, já J.C. Rodrigues, proprietário do **Jornal do Comércio**, um dos mais ricos e notáveis bibliófilos, forneceu, na sua "Biblioteca Brasiliense", dados completos sôbre o livro, referindo-se à edição de 1711, com xilogravura, impresso na Oficina Real Deslandiana.

Taunay teve comunicação de que na Biblioteca da Faculdade de Direito de S. Paulo existia um exemplar da edição **princeps**. No século XVIII existiu naquela cidade um dos homens mais eruditos, que se chamou Diogo de Lara e Ordonhez, o qual possuía o livro de Antonil. Em vão êsse livro foi solicitado mas êle alegava que não o encontrava mais.

A Biblioteca Nacional também possuía um exemplar.

O que passou despercebido a Taunay, que foi quem estudou mais a fundo a questão bibliográfica, foi a existência, em 1711, de duas edições, uma **in 4.º**, e outra **in 8.º**. Uma em latim e outra em português.

Faltava tão-sòmente identificar as edições posteriores, e os donos, se êles possuíam a latina ou a portuguêsa. Tal revelação daria a chave do mistério com mais propriedade, porque diria qual delas ficou escondida e circulou.

Tão pouco clara era a existência dêsse livro que até mesmo Somervogel, o registrador das obras dos jesuítas, num dos verbêtes, fala sôbre Andreoni e, noutro, sôbre o livro **Cultura e Opulência**. Um não tem ligação com o outro, portanto, até 1884 (**publié par des religieux de la Compagnie de Jesus depuis de sa fondation jusqu'à nos jouis** data da edição de 1837 da de 1889, e da **Revista do Arquivo Mineiro**, ignorava-se quem era **João André Antonil**, mas sabia-se da existência de **João Antônio Andreoni**, o jesuíta.

Não tínhamos intenção de escrever êste trabalho. Procurávamos cousa muito diferente. Ao topar com a nota do B. de Studart, enveredamos pelo assunto. A oportunidade de fazer uma retificação sôbre

uma procedência maior, muito anterior a 1902, data da publicação das **Cartas Ânuas** de Andreoni na nossa **Revista do Instituto do Ceará**, obrigou-nos a nos estender sôbre o assunto, baseado no trabalho de Taunay, edição de Antonil, de 1923, da Melhoramentos.

Quando o Morgado de Mateus pesquisava para editar a famosa obra **Os Lusíadas**, tôda em côres, em Paris, encontrou em Portugal duas edições de 1572, apresentando pequenas diferenças. Tal fato significa que não há novidade na existência de dúvidas em edições de livros notáveis, haja vista a **Prosopopéia, Arte de Furtar**, e outras.

## BIBLIOGRAFIA

**Cultura e Opulência do Brasil por Suas Drogas e Minas**, com estudo bibliográfico de Afonso de E. Taunay. Melhoramentos 1923.
**Datas e Fatos para a História do Ceará** — Guilherme Studart 1896.
**Revista do Instituto do Ceará**, 1964 — H. Gonzalez.